

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------|-----|
| <i>Agradecimentos</i> | 9 |
| <i>Mapa</i> | 11 |
| <i>Cronologia</i> | 13 |
| <i>Introdução</i> | 15 |
| 1. Inácio de Antioquia..... | 35 |
| 2. Justino Mártir..... | 54 |
| 3. Ireneu de Lião..... | 75 |
| 4. Tertuliano..... | 95 |
| 5. Perpétua..... | 116 |
| 6. Orígenes..... | 138 |
| 7. Atanásio..... | 161 |
| 8. João Crisóstomo..... | 183 |
| 9. Agostinho..... | 208 |
| 10. Cirilo de Alexandria..... | 232 |
| <i>Epílogo</i> | 255 |

AGRADECIMENTOS

Tenho uma dívida imensurável para com meus mestres:
meu pai, o dr. A. Duane Litfin,
que me ensinou a pensar como cristão;
os drs. Stephen R. Spencer e D. Jeffrey Bingham,
que me ensinaram a pensar como acadêmico;
o dr. Robert Louis Wilken,
que me ensinou a pensar como cristão católico
[no sentido de “universal”].

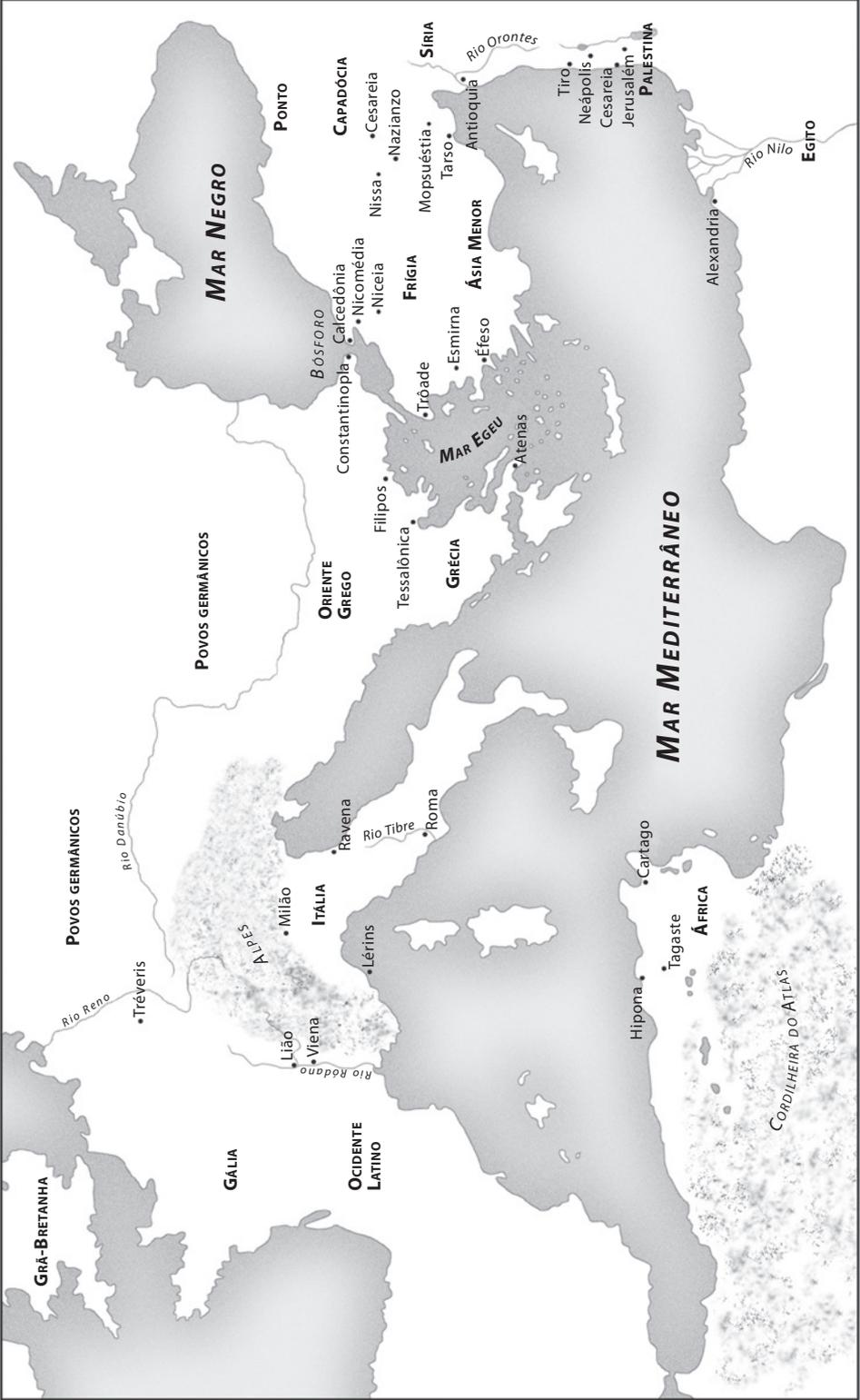
Além disso,

o dr. Jason R. Hubbard foi um excelente companheiro
de viagem de pesquisa no norte da África.

Minha amiga Amy Rachel Peterson me ajudou a
compreender a espiritualidade de Perpétua como mulher.

Também sou grato ao Moody Bible Institute por proporcionar
um ambiente propício à vida intelectual. Reconheço particularmente
a ajuda do bibliotecário Joseph Cataio,
que disponibilizou muitas obras por meio do sistema
de empréstimo entre bibliotecas.

Mas, acima de tudo, sou grato pelo apoio de minha esposa,
Carolyn Litfin,
que descrevo com as palavras usadas por Tertuliano para sua esposa:
Dilectissime mihi in Domino conserva.



Mapa elaborado por Emily Gilbert.

CRONOLOGIA

a.C.

| | |
|-----|---|
| 800 | Fundação de Cartago |
| 753 | Fundação de Roma |
| 658 | Fundação de Bizâncio |
| 347 | Morte de Platão |
| 332 | Conquistas de Alexandre, o Grande; fundação de Alexandria |
| 322 | Morte de Aristóteles |
| 300 | Fundação de Antioquia |
| 52 | Júlio César conquista a Gália |
| 43 | Fundação de Lugdunum (Lião) |
| 27 | César Augusto torna-se o primeiro imperador romano |

Nascimento de Cristo d.C.

| | |
|---------------------|--|
| 30 | Morte e ressurreição de Jesus Cristo |
| Décadas de 30 a 60 | Acontecimentos do Livro de Atos |
| 100-165 | Vida de <i>Justino Mártir</i> |
| A partir do ano 100 | A heresia gnóstica é disseminada por meio da pregação |
| 115 | Viagem de <i>Inácio de Antioquia</i> para o lugar de seu martírio |
| 130-202 | Vida de <i>Ireneu de Lião</i> |
| 140 | Marciano começa a pregar heresias em Roma |
| 156 | <i>Policarpo de Esmirna</i> é martirizado |
| 170-215 | Vida de <i>Tertuliano de Cartago</i> |
| 177 | <i>Blandina, Sancto e seus companheiros</i> são martirizados em Lião e Viena |
| 180 | Execução dos <i>Mártires de Cílio (ou Escilis, atual Kasserine)</i> |
| 186-251 | Vida de <i>Orígenes de Alexandria</i> |

| | |
|---------|--|
| 203 | <i>Perpétua, Felicidade e seus companheiros</i> são martirizados; <i>Leônidas</i> , pai de Orígenes, é martirizado |
| 250 | Imperador Décio decreta uma perseguição violenta aos cristãos |
| 251-356 | Vida do monge <i>Antão do Egito</i> |
| 260-339 | Vida de <i>Eusébio de Cesareia</i> |
| 299-373 | Vida de <i>Atanásio de Alexandria</i> |
| 303 | Imperador Diocleciano inicia a Grande Perseguição |
| 312 | Imperador Constantino vence a batalha da ponte Milvia; o cisma donatista irrompe no norte da África |
| 313 | Imperador Constantino publica o edito de Milão |
| 318 | Ário começa a pregar heresias |
| 325 | Concílio de Niceia define a Trindade |
| 330 | Imperador Constantino funda Bizâncio novamente, mas com o nome de Constantinopla |
| 337 | Morte do Imperador Constantino |
| 349-407 | Vida de <i>João Crisóstomo</i> |
| 350-428 | Vida de <i>Teodoro de Mopsuéstia</i> |
| 354-430 | Vida de <i>Agostinho de Hipona</i> |
| 367 | Carta Pascal de <i>Atanásio</i> alista os livros canônicos da Bíblia |
| 378-444 | Vida de <i>Cirilo de Alexandria</i> |
| 381 | Concílio de Constantinopla defende a doutrina nicena da Trindade |
| 387 | Batismo de <i>Agostinho</i> |
| 390 | Morte de <i>Diodoro de Tarso</i> |
| 402 | Pelágio começa a pregar heresias |
| 410 | Alarico, o Godo, invade Roma |
| 428 | Nestório torna-se bispo de Constantinopla |
| 431 | O Concílio de Éfeso condena as doutrinas de Pelágio e Nestório |
| 440-461 | Papado de <i>Leão Magno</i> |
| 451 | Concílio de Calcedônia define a cristologia ortodoxa |
| 476 | Último imperador romano do Ocidente é deposto por líder bárbaro |
| 500 | Fim do Império Romano e da Idade Antiga; início da Idade Medieval |

*Os pais da igreja são indicados com *grifo*. Algumas datas relacionadas ao tempo de vida de personagens são aproximadas.

INTRODUÇÃO

Quando alguém pergunta qual é a minha profissão e digo que sou um professor cuja especialidade são os pais da igreja antiga, geralmente essa pessoa me olha com uma expressão atônita. Se ela é desconhecida, com frequência pergunto se é católica romana, porque os católicos já ouviram falar dos pais da igreja, mas os cristãos evangélicos, não. “Seria alguém como Jonathan Edwards?” — um amigo me perguntou, referindo-se ao teólogo da época em que os Estados Unidos ainda eram colônia. “Antes disso”, respondi. “São personagens da época do Império Romano.” A maioria dos cristãos de hoje não conhece os pais da igreja. Talvez tenham ouvido falar sobre Santo Agostinho, mas isso é tudo o que sabem. Se este é seu caso, creio que você está perdendo algo valioso. Para muitos leitores desta obra, este será o primeiro encontro de fato com os antigos autores cristãos. Assim, acabam de embarcar em uma viagem de *descoberta*. Para transmitir essa sensação de descoberta aos meus alunos, uso a ilustração de um garoto que chamo de Billy.

O pequeno Billy amava muito sua avó. Seus anos de infância foram repletos de visitas à casa dela quando voltava da escola ou nas tardes de domingo. Vovó sempre lhe dava um lanche delicioso — uma fatia grande de torta de maçã com uma bola de sorvete derretendo sobre ela ou bolachinhas crocantes com gotas de chocolate ainda moles porque tinham acabado de sair do forno — em vez dos talos de cenoura ou do iogurte que a mãe de Billy insistia que ele comesse em casa. Vovó tinha um balanço lá no quintal, um daqueles bem antigos, não tão seguro quanto os balanços modernos feitos de plástico. Era apenas uma corda meio gasta enlaçada em um galho de árvore bem alto com uma pequena tábua simples de madeira na parte de baixo que servia de assento. Quando conseguia balançar para valer, o balanço dava longas voltas de dar frio na barriga enquanto a árvore rangia em protesto agourento. Se, enquanto brincava no quintal, acontecia de Billy cair e raspar o joelho, vovó estava lá com alguma pomadinha feita por ela mesma para cuidar de seu ferimento, embora, na verdade, suas palavras de conforto fossem mais eficientes do que o remédio. Billy simplesmente amava ir à casa de sua avó. Ela sempre demonstrava bastante cuidado e preocupação com ele, dedicando total atenção a qualquer coisa que interessasse o garoto.

Entretanto, quando se tornou adolescente, as visitas de Billy à casa da avó se tornaram menos frequentes. Agora ele tinha sua carteira de motorista, e seu

programa estava repleto de atividades esportivas e outras ocupações. Seus amigos, tanto garotos quanto garotas, exigiam cada vez mais de seu tempo. É claro que ele ainda amava a avó e sempre escrevia respeitosamente um bilhete de agradecimento pelos cartões de aniversário sempre com dinheiro enviados por ela. No entanto, com o passar dos anos, suas visitas à casa da avó passaram a ocorrer, no máximo, somente no Natal. Com um telefonema ocasional ele cumpria seus “deveres de neto” e tranquilizava sua consciência. Mas logo o jovem adulto Bill — que não era mais chamado pelo apelido de infância — passou a ter vida profissional intensa, uma família e vida independente.

Então a morte da avó veio como um choque para ele. Na verdade, ele não havia percebido que a saúde dela estava se deteriorando — embora pudesse ter percebido, se tivesse prestado maior atenção. O culto fúnebre não encerrou de modo algum o assunto para ele, mas o deixou com muitas perguntas que não queriam calar. Coube ao Bill a responsabilidade de se desfazer dos bens da avó e vender a casa. Isso o levou a pensar de maneiras novas sobre sua avó, aliás, sobre toda a linhagem de sua família. “Quem foi essa mulher?”, ele ficou imaginando. “De onde ela veio? Quais pessoas e valores influenciaram seu mundo?”. De repente, Bill descobriu que, embora sua avó tivesse demonstrado grande interesse pelas mínimas preocupações de sua vida, ele nunca a tinha conhecido como pessoa, o que o fez lamentar profundamente.

Certo dia, Bill estava limpando o sótão da casa da avó. A porta que dava acesso ao sótão ficava no quarto de hóspedes — o próprio quarto em que ele costumava passar a noite sempre que seus pais viajavam. Bill tinha visto aquela porta muitas vezes, frequentemente imaginando os monstros temíveis que poderiam estar à espreita atrás dela. Mas nunca havia feito nada além de espiar através de uma fresta da porta (sempre à luz do dia, claro!). Agora, ele abria a porta pela primeira vez com os olhos de um adulto. As partículas de pó rodopiavam no único feixe de luz do sol proveniente de uma pequena janela. O ar estava mofado e abafado. Os olhos de Bill recaíram sobre um objeto grande em um cantinho. Era um baú de cedro do tipo que, nos tempos antigos, as moças sempre ganhavam quando se casavam. Bill abriu o baú com uma expectativa silenciosa, como um pirata que descobre tesouros perdidos nas histórias que a avó costumava contar.

O baú estava de fato cheio de tesouros, embora não fossem de ouro e prata. Bill apanhou primeiro uma velha luva de beisebol, que tinha um cheiro forte de couro e cera. O nome de seu avô, falecido havia muito tempo, estava escrito à mão nela. Então vovô foi jogador de beisebol? “Um dos melhores” — parecia que sua avó estava lhe cochichando. Em seguida examinou um colar, que tinha um medalhão de marfim lindamente produzido pendurado à corrente. Dentro havia duas pequenas fotografias do avô e da avó. Na parte de trás estavam gravadas as palavras: “Até a

minha volta”. Mas o avô não havia voltado da guerra. Um porta-retratos com uma fotografia do avô fardado lembrou Bill de como o avô tinha sido alguém muito elegante. Em outra fotografia, Bill ficou imaginando quem poderia ser essa linda garota — espere um minuto — poderia ser a vovó? Ele estava tão acostumado com seu rosto arredondado e enrugado que era surpreendente pensar nela como uma jovem atraente com seus sentimentos amorosos. Um álbum com fotografias em preto e branco, agora amareladas devido ao tempo, contava toda a história. Era uma história repleta de todas as alegrias e tristezas, os momentos descontraídos e as ocasiões mais sérias, de pessoas que viveram no mundo real.

No fundo do baú havia mais uma coisa. Era uma Bíblia de família com o nome da avó gravado na capa de couro. Enquanto Bill folheava as delicadas páginas, descobriu as anotações feitas na margem e em pedaços de papel cheias de orações, comentários sábios e anseios espirituais pessoais. Os olhos de Bill se encheram de lágrimas ao se lembrar como a avó lhe havia feito algumas dessas mesmas observações cristãs — mas só muito raramente, pois geralmente ele não se interessava por tais assuntos, já que tinha pressa demais para ir logo para o próximo jogo ou para a atividade seguinte. Enquanto estava ajoelhado em frente ao velho baú, um único pensamento dominou a mente de Bill: “Por que não investi tempo examinando este legado quando tive a oportunidade? Nunca soube que tinha uma herança familiar tão significativa!”.

A história do pequeno Billy nos lembra como é fácil permitir que as urgências do presente e as oportunidades do futuro nos ocupem de tal maneira que excluímos de nossa vida o passado. Isso ocorre em muitas áreas, inclusive na história da igreja. Os pais da igreja frequentemente são tratados como ancestrais amados no passado, mas esquecidos em nossos dias. Seu mundo é somente uma vaga lembrança; temos consciência da presença deles apenas de modo superficial. Sabemos que houve cristãos famosos que viveram “lá no passado”, mas não conseguimos identificar exatamente quem foram ou o que fizeram. Eles têm alguma relação com ser atirado aos leões, os romanos e todas essas coisas, certo? Mas apesar de nossa indiferença com o mundo deles, estamos inseparavelmente ligados aos pais da igreja. Mal ou bem, são nossos antepassados espirituais. Como ocorre com a árvore genealógica que herdamos, somos descendentes deles, quer gostemos, quer não. É muito fácil passar pela vida como Bill: com uma vaga consciência do passado, mas também ocupado demais com as atuais responsabilidades para pensar muito a respeito de algo tão abstrato como a nossa “herança”. Entretanto, assim como o Bill, estaríamos perdendo verdadeiros tesouros, se não investigássemos nossas origens cristãs. Para fazê-lo, precisamos, para começar, perceber que os primeiros atores do drama cristão foram pessoas de carne e osso que viveram na presença de Deus assim como nós.

Os feitos poderosos da história cristã

A maioria dos cristãos que aprenderam a respeito dos pais da igreja antiga provavelmente os viu elencados como prova a favor de um ou outro argumento teológico. Muitas vezes, um pequeno trecho de um autor antigo é tirado do contexto para apoiar um ponto de vista atual. Esse tipo de abordagem é injusta com os autores que nunca pretenderam que seus escritos fossem pinçados do conjunto de suas obras para servir de munição em uma guerra de palavras nos dias atuais. No entanto, o uso errado dos autores antigos não é sequer o principal problema. Em um nível mais básico, perde-se de vista a própria natureza da fé cristã — pelo menos a fé conforme os pais da igreja a compreendiam. Para eles, o cristianismo não dizia respeito apenas a *doutrinas*. Isso não significa que as ignorassem. Aliás, importantes debates teológicos foram travados sobre diferenças doutrinárias geradas por uma única letra grega. Mas, para os pais da igreja, o cristianismo não era uma coleção de ideias abstratas ou de sabedoria secreta que podiam ser reunidas em um manual e memorizadas. Em vez disso, era uma *história*, um relato de coisas que aconteceram no palco da história da humanidade na terra. Em seu livro *The spirit of early Christian thought* [O espírito do pensamento cristão antigo] (um livro de leitura bastante proveitosa para pessoas interessadas em começar a estudar os pais da igreja), Robert Wilken escreve:

... Estou convencido de que o estudo do pensamento cristão antigo tem focalizado demais as ideias. O esforço intelectual da igreja primitiva estava a serviço de um objetivo muito mais nobre do que dar forma conceitual à fé cristã. Sua missão era conquistar o coração e a mente de homens e mulheres e transformar a vida deles.¹

Wilken está dizendo que o cristianismo é uma religião do mundo real orientada para acontecimentos. Por quê? Porque o próprio epicentro é o Deus-homem que veio a nós no tempo e no espaço, unindo em si mesmo o imaterial e o material. A Bíblia está repleta de pessoas, lugares e nomes históricos, todos formando a estrutura de sua narrativa cósmica da Criação, Queda, promessa, redenção e restauração. A religião cristã conta a história de tudo o que Deus faz e, em especial, do que realiza por meio do Senhor Jesus Cristo quando as pessoas passam a ter um relacionamento com ele.

Quando César Augusto subiu ao poder como o primeiro imperador romano, aproximadamente na época do nascimento de Cristo, ele escreveu uma obra celebrando suas façanhas, geralmente denominadas *Res gestae* (que significa “atos

¹Robert Louis Wilken, *The spirit of early Christian thought: seeking the face of God* (New Haven: Yale, 2003), p. xiv.

realizados” ou “coisas realizadas”). Tibério, o sucessor de Augusto, determinou que as *res gestae* fossem inscritas nas edificações por todo o império para anunciar as grandes realizações de seu padrao. De forma parecida, a religião cristã narra uma espécie de *res gestae* divinas dos primeiros crentes.² Muito mais do que um conjunto de proposições doutrinárias, o cristianismo apresentou um relato dos atos poderosos realizados por Deus por meio de Jesus Cristo no poder do Espírito Santo. O Senhor Deus triunfou sobre as forças do mal e está conduzindo a história da humanidade a seu fim assim como vem fazendo desde o primeiro dia da Criação. A igreja antiga era uma religião de testemunho ocular, atestada por pessoas que tinham visto e ouvido as grandes coisas que Deus fez. Por isso, para os primeiros crentes, *pessoas e acontecimentos* importavam mais do que ideias abstratas. Ou, em outras palavras, ideias cristãs centrais sempre estiveram associadas a acontecimentos reais de nosso mundo. Por esse motivo, este livro se concentrará na vida de vários pais da igreja que tiveram um papel importante. Muitos livros têm sido escritos sobre a história das doutrinas cristãs ou temas importantes da história da igreja primitiva. Mas neste livro espero apresentar a você, leitor, de modo mais *peçoal* alguns de seus antepassados espirituais. Quero ajudá-lo a conhecer algumas pessoas que são parte de seu legado e sua herança espirituais na fé.

O que é um “pai da igreja”?

Antes de começar, vamos esclarecer algumas coisas. Devemos classificar as pessoas que conheceremos aqui de “pais da igreja”. O que queremos dizer com essa designação? Na experiência do dia a dia, um pai é por definição alguém que veio antes de nós. Os filhos estão geneticamente ligados ao pai como seus descendentes. Independentemente de como é ou foi nosso pai humano real, a maioria de nós consegue compreender o conceito de um pai ideal. Ele é um homem que, já tendo percorrido o caminho da vida, guia seus filhos em sabedoria. Essa é a ideia por trás do termo “pais da igreja”. Os pais foram uma geração anterior de crentes que continuam a guiar seus descendentes espirituais na igreja cristã de hoje. Com esse sentido, o termo “pais” foi usado até mesmo pelos autores posteriores do período antigo para se referirem às gerações anteriores de crentes. Portanto, é um termo de uso muito antigo.

Talvez logo alguém faça a seguinte pergunta: o que dizer das mães da igreja? Não houve mulheres que fizeram contribuições significativas para o cristianismo

²Sobre essa relação, veja Angelo Di Berardino; Basil Studer, orgs., *History of theology*, tradução para o inglês de Matthew J. O’Connell (Collegeville: Liturgical, 1996), vol. 1: *The Patristic period*, p. 344-6.

antigo? A verdade é que houve muitas grandes mulheres na igreja antiga. Os cristãos do passado com frequência elogiavam as qualidades nobres e heroicas de santas mulheres, sobretudo as mártires e as virgens que viveram de modo consagrado a Deus. Mas devemos lembrar que na sociedade antiga as mulheres raramente aprendiam a ler e a escrever, e certamente não se esperava que tivessem uma produção literária intelectual. Por esse motivo, poucas obras de mulheres do período da igreja antiga chegaram até nós. Neste livro, utilizaremos o termo “pais da igreja” como uma espécie de designação padrão, ao mesmo tempo que lembraremos que muitas “mães” cristãs também deram grande contribuição para a história da igreja. Para nos ajudar a manter isso em mente, examinaremos alguns dos poucos textos antigos escritos realmente por uma mulher que chegaram até nós: o relato da fidalga Perpétua, que morreu como mártir no ano 203 d.C.

Atualmente o estudo acadêmico dos antigos cristãos é chamado “patrística” ou “patrologia”, que vem da palavra latina *pater* (“pai”). Um dos sistematizadores mais influentes do estudo contemporâneo sobre o cristianismo antigo foi o professor Johannes Quasten. Em *Patrology*, obra em quatro volumes em que analisa cada autor cristão antigo cujos textos permaneceram, Quasten define os “pais” como os autores cristãos desde a época do NT até Isidoro de Sevilha (636 d.C.), no mundo latino, e João Damasceno (749 d.C.), no mundo grego.³ Embora esses escritores posteriores certamente tivessem muito em comum com seus antepassados do Império Romano, a maioria dos historiadores considera que os séculos sétimo e oitavo fazem parte do período que chamaríamos “medieval antigo” ou “bizantino”. Neste livro, examinaremos dez autores que viveram antes do ano 500 d.C., que é aproximadamente a época da queda de Roma e do fim da Idade Antiga.

Estamos certos em pensar nesses autores antigos como nossos “pais” espirituais? Talvez isso soe como a prática católica romana de se referir aos sacerdotes dessa forma.⁴ Ou podemos nos lembrar das palavras de Jesus: “E a ninguém na terra chameis vosso pai; porque um só é o vosso Pai, aquele que está no céu” (Mt 23.9). É importante compreender o que Jesus está dizendo. No contexto, ele está tratando da hipocrisia e da soberba dos fariseus, cujas aspirações exteriores (como receber saudação como um estimado rabino que transmite uma imagem paternal) *substituíam* a obediência sincera a Deus. Observe-se que Jesus também

³Johannes Quasten, *Patrology* (Westminster: Newman, 1950; reimpr., Allen: Christian Classics), vol. 1, p. 1.

⁴Isso é mais evidente em alguns idiomas em que “pai” (i.e., genitor) e “padre” (i.e., guia espiritual católico) são indicados pela mesma palavra, como é o caso no inglês, “father”, e no espanhol, “padre”. Mesmo em português, algumas pessoas se referem ao “padre” como “pai”. (N. do T.)